

### **UNIDADE NA DIVERSIDADE**

Vários artigos, de vários autores, sobre vários aspectos da pregação expositiva

KOESSLER, John (Edit.). Manual de pregação. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 411 p.

por Antônio Renato Gusso<sup>1</sup>

O título da obra não revela bem o seu conteúdo. Não se trata de um manual de pregação, como anuncia, mas uma coleção de artigos a respeito de vários temas que envolvem a pregação expositiva. São vinte e sete trabalhos independentes, de vinte e seis autores diferentes, professores do “The Moody Bible Institute of Chicago”, o que, certamente, inspirou o título original da obra: *The Moody Handbook of Preaching*.

Os artigos são arranjados em quatro grupos. O primeiro grupo, chamado de “Formar uma filosofia da pregação”, como o nome já anuncia, é composto por artigos voltados para a filosofia por trás da pregação e não para a pregação em si. Dos artigos desta parte, dois devem ser destacados. Um deles, o que leva o nome de “Por que pregar de forma expositiva?”, baseia seu argumento principal no fato de, em meio à relatividade da era moderna, a Bíblia continuar como Palavra de Deus. Para o autor, a pregação expositiva é a melhor forma de dizer aos ouvintes: “É isso que Deus diz” (p. 35). O outro é o artigo “Como as mulheres ouvem o sermão”, de Pam MacRae. Mesmo que a cientificidade de algumas de suas afirmações possa ser questionada, com certeza, ela levanta um

---

<sup>1</sup> Doutorado em Ciências da Religião pela UMESP e Pós-doutorado em Teologia pela EST de São Leopoldo. Professor e Diretor da Faculdade Batista Pioneira.

assunto importante, que deve ser aprofundado. Os títulos dos demais artigos são os seguintes: 1) “Quando perdemos o centro de gravidade do sermão”; 2) “O sermão no culto”; 3) A aplicação das Escrituras à vida contemporânea”; 4) “Por que amo pregar”; 5) “Evangelismo e pregação” e 6) “O preparo espiritual para a mensagem”.

O segundo grupo, “Garimpar o texto”, apresenta seis artigos, dos quais quatro são bastante parecidos, ainda que tratem de assuntos, aparentemente, bem diferentes. Parece que os títulos deles levam a isso, pois todos contam com a seguinte frase: “A pregação de textos...”, complementados com: “de narrativa histórica”; “da literatura didática”; “dos livros poéticos” e “dos livros proféticos”. Fica claro que os passos exegéticos para a abordagem dos diferentes gêneros não diferem muito, mas, ao mesmo tempo, também se percebe que existem diferenças marcantes na abordagem de cada um. Curiosamente, no geral, todos os autores “reclamam” que os tipos literários tratados por eles são pouco pregados. Isto seria verdade ou, apenas, aponta para a tendência de se achar que ninguém prega o suficiente aquilo que mais gostamos? Fica a dúvida.

Uma falha a se lamentar no artigo que trata dos livros proféticos foi o autor ter levantado um assunto a respeito da utilização de profecias no Novo Testamento sem orientar o leitor a como respondê-lo. Afirmou que a maioria dos autores concordam que o filho citado em Oseias II é Israel e não Jesus, o que se conclui em leitura normal do texto, mas, em seguida, levantou a pergunta: “Por que, então, Mateus cita esta profecia?”; contudo, não respondeu à questão que ele mesmo levantou (p. 191).

Os outros dois artigos deste grupo são dedicados às línguas bíblicas. Um apresenta boas orientações a respeito da utilização do hebraico e o outro, intitulado “O uso e abuso do grego na pregação”, apresenta observações simples, mas eficazes, que ajudarão o pregador a ser mais coerente na utilização do grego nas mensagens.

O terceiro grupo, chamado “Ilustrar a verdade”, tem sete artigos. Seguem seus títulos e algumas observações: 1) “O poder da comparação” – O autor não aprofundou o assunto, mas dá uma boa contribuição ao incentivar o pregador a utilizar, com cuidado, as metáforas e símiles. Defende, com razão, que as metáforas são indispensáveis para explicar muitos conceitos teológicos - por exemplo: as questões que envolvem o Céu; 2) “Abater o diabo” – Este título não condiz com o conteúdo. De fato, não tem nada a ver com o texto, que apresenta a importância de se utilizar a literatura como ilustração e a imaginação para tornar as pregações mais interessantes; 3) “História: a mina de ouro escondida” – O autor defende a utilização da história como ilustração das mensagens e o valor do contexto histórico do texto ensinado. Apresenta um bom

exemplo utilizando Efésios 6.17, quando explica que a “espada”, geralmente entendida como arma de ataque na descrição da “armadura de Deus”, na realidade, é de defesa: uma pequena adaga (p. 259). Contudo, o autor esqueceu-se de consultar o contexto histórico e o literário, mais adiante, ao citar um texto da seguinte maneira: “Como são preciosos os pés daqueles que pregam o evangelho (cf. Is 52.7)” (p. 269). Com certeza, Isaías não se referiu à pregação do Evangelho; 4) “Aprender a contar a história” – Mostrou a necessidade, incentivou a aprender a contar, mas pouco ajudou na maneira do como contar; 5) “Filmes como forma de culto e ilustração” – O autor se mostrou um grande amante do cinema, mas não explicou como utilizar este recurso de forma eficiente na pregação. Parece estar em contradição com o artigo “Por que pregar de forma expositiva”, que destaca o perigo da utilização de filmes em mensagens (p. 33); 6) “Dramatizações e o sermão” – Mostra formas simples e criativas de ilustrar partes do sermão ou preparar a congregação para ele. Também, sem entrar em detalhes, alerta para os perigos da modalidade e 7) “O uso da tecnologia no sermão” – O artigo foi mais longe do que o título promete. Trata da utilização da tecnologia no culto. Depois da introdução, o autor desenvolveu seu texto apresentando dez erros para se evitar no uso da tecnologia. O principal neste artigo é a advertência: “Para que seja eficaz na igreja, toda a mídia deve servir de apoio para o conteúdo da mensagem, e não desviar a atenção dela” (p. 316).

O quarto grupo é composto por seis artigos que apresentam o seguinte: 1) “Sermões dinâmicos” – Orientações sobre como preparar um sermão expositivo; 2) “A lógica do sermão” – Procura convencer o leitor de que é apropriado aplicar a lógica ao trabalho de exegese e pregação e apresentar a utilização da lógica de formas legítimas e ilegítimas nestas tarefas (p. 342); 3) “A exegese de sua congregação” – Demonstra a importância do pregador conhecer bem o povo para o qual prega; 4) “Agora transmita a mensagem” – Sem aprofundar nenhum tema, apresenta sugestões diversas para um pregador; 5) “Use, mas não abuse” – Orientações e conselhos importantes para o cuidado da voz. O título isolado é um enigma, pois não revela nada do conteúdo e 6) “O uso de softwares bíblicos para a exegese do texto” – Tenta explicar, sem muito sucesso, como utilizar alguns softwares, e apresenta informações de onde conseguir algumas ferramentas, as quais podem ser importantes para quem conhece o inglês.

Como se viu nas linhas acima, nem todos os artigos têm a mesma importância ou qualidade. Não poderia ser diferente, pois são muitos os temas e muitos os autores. Contudo, no geral, a obra é de muita utilidade. Assim, recomendo este livro a todas as pessoas que estejam envolvidas com a pregação expositiva ou com o seu ensino.